

DA IMPOSSÍVEL FRATERNIDADE À DUPLA FILIAÇÃO: NARRATIVAS DE FRATERNIDADE NO LIVRO DO GÊNESIS

Pe. Dr. Donizete Luiz Ribeiro, nds¹

Resumo

Este artigo propõe, a partir da disciplina Cristianismo e Judaísmo (CRE1215), uma reflexão fundamentada nos itinerários narrativos de fraternidade, utilizando a Escritura como base para oferecer sugestões e pistas que contribuam para uma compreensão mais profunda da noção de fraternidade. Esse entendimento, que pressupõe e orienta o reconhecimento da filiação, pode servir como ponto de encontro entre judeus e cristãos, leitores da mesma Escritura. Graças à filiação judaica e à filiação cristã, ambas as tradições têm a oportunidade de se re-conectar por meio dos valores éticos de fraternidade e de filiação que estão sempre em processo de construção e de ressignificação.

Palavras-chave: Gênesis, fraternidade, aliança, filiação

Introdução

Este artigo vem à luz a partir do percurso proposto pela disciplina “Judaísmo e Cristianismo” do setor da cultura religiosa da PUC-Rio, visando construir e propor um caminho de fraternidade, de diálogo e de reconhecimento da dupla filiação: Judaica (*bnei Israel*) e Cristã (filhos no Filho). Busca-se aqui verificar essa hipótese através da relação de fraternidade entre filhos do mesmo Pai para demonstrar que tanto a fraternidade como a filiação são projetos em construção permanente, em diálogo na Escritura e um grande desafio ético para a humanidade.

Caim e Abel

Em uma abordagem canônica da Escritura, com fio condutor e lógica própria do texto (LIMA, 2014, p. 31), a primeira experiência de fraternidade é apresentada em Gn 4,1-16, nos seguintes termos, conforme o texto da TEB:

¹ O homem (*Adam*) conheceu Eva (*Hava*), sua mulher. Ela engravidou, gerou Caim e disse: “Procriei um homem com o Senhor”. ² Ela gerou ainda o irmão dele, Abel (*Havel*).

Abel apascentava as ovelhas, Caim cultivava o solo. ³ No fim da estação, Caim trouxe ao Senhor uma oferenda de frutos da terra; ⁴ também Abel trouxe primícias dos seus animais e a gordura deles. O Senhor voltou seu olhar para Abel e sua oferta, ⁵ mas de Caim e da oferenda que trouxera desviou o olhar.

Caim irritou-se muito com isto, e seu semblante ficou abatido. ⁶ O Senhor disse a Caim: “Por que te irritas? E por que o teu resto está abatido? ⁷ Não é assim: se fizeres o bem, o levantarás, e se não fizeres o bem, o pecado (*hatat: הַתָּט*) agachado à tua porta te deseja? Mas tu, domina-o”.

⁸ Caim falou a seu irmão Abel e, quando foram ao campo, Caim atacou seu irmão Abel e o matou.

⁹ O Senhor disse à Caim: “Onde está o teu irmão Abel?” “Não sei, respondeu ele. Sou eu o guarda de meu irmão?” ¹⁰ “Que fizeste?” retrucou ele. “A voz do sangue do teu irmão clama do solo a mim. ¹¹ És agora amaldiçoado, banido do solo que abriu a boca para

¹ Pe. Donizete Luiz Ribeiro, nds, Doutor em Teologia pelo Instituto Católico de Paris com especialização em estudos judaicos e línguas bíblicas pela mesma universidade. Professor agregado da PUC-Rio e diretor acadêmico do Centro Cristão de Estudos Judaicos – SP (ccdej.org.br).

recolher da tua mão o sangue do teu irmão. ¹² Quando cultivares o solo, ele não te dará mais a sua força. Serás errante e vagabundo sobre a terra.”

¹³ Caim disse ao Senhor: “Meu crime (‘avoni: ַעֲוֹנִי) é pesado demais para carregar. ¹⁴ Se hoje me expulsas da extensão deste solo, serei expulso da tua face, serei errante e vagabundo sobre a terra, e todo aquele que me encontrar me matará”. ¹⁵ O Senhor disse: “Pois bem! Se matarem Caim, ele será vingado sete vezes”. O Senhor pôs um sinal sobre Caim para que ninguém, ao encontrá-lo, o ferisse. ¹⁶ Caim se afastou da presença do Senhor e habitou na terra de Nod, à leste do Éden.

Esta passagem relaciona a filiação em termos de genealogia de Caim e Abel com seus pais, Adão e Eva, que aparecem apenas enquanto origem e depois desaparecem em silêncio ao longo da trama narrativa que coloca o SENHOR em diálogo com o filho, Caim. O Rabino Philippe Haddad observa dois elementos fundamentais nessa narrativa: a oferta de Abel são “primícias” (v. 4) e o fraticídio de Abel por Caim, pela primeira vez, na Escritura, é nomeado de “pecado” – *hatat* (v. 7).

Caim não entendeu sua relação com o SENHOR através de oferendas de primogênitos ou de primícias e não soube dominar nele mesmo, seu pecado (HADDAD, 2021, p. 41). No entanto, o SENHOR Deus permanece em diálogo com Caim, o fraticida, até o fim da narração, assim como fizera com seus pais, Adão e Eva, após sua desobediência, ao descer e vesti-los (Gn 3,21). Esse ato de cuidado e de vestimenta se apresenta como a primeira obra de misericórdia na Torá.

A leitura judaica desta passagem da escritura destaca o cuidado de Deus pela humanidade, relacionando a procura do SENHOR por Adam e por Abel, quando lhes pergunta, em suas respectivas narrativas: “Adam, onde estás”? (3,9) e “Onde está o teu irmão Abel”? (4,9). Entre ironia e medo, as respostas do pai Adam e do filho Caim são bem semelhantes e desumanas. Adam se esconde e Caim ironiza dizendo: por acaso, sou eu guarda do meu irmão? (v. 9).

A questão da fraternidade no início da Escritura parece se tornar impossível, pois a relação entre os irmãos Caim e Abel gera conflitos por razões econômicas, religiosas e passionais, conduzindo a um assassinato, qualificado de fraticídio (HADDAD, 2021, p. 47). Esse primeiro “homicídio”, narrado nas primeiras páginas da Escritura, acentua Wénin, é o centro estrutural da narrativa (WÉNIN, 2011 p. 126). Assim, a Escritura provoca seu ouvinte-leitor, na figura de Caim, a assumir seu “pecado”, o não reconhecimento da filiação do outro, isto é, Abel, para buscar, ao longo da própria Torá, meios para construir a possibilidade de uma fraternidade e filiação. Assim o será em outras relações fraternas descritas na Escritura.

Esaú e Jacó

Do fraticídio inicial, a Torá nos faz entrar na complexidade das relações dos irmãos gêmeos, Esaú e Jacó (Gn 25; 27), nascidos de Rebeca, que fora estéril por 20 anos, como destaca o midrash do *Gênesis Rabba* (cf. Gn 25,21). Já em seu ventre (*rehem*) Rebeca faz a experiência dramática de gerar filhos em tensão e dor, pois o SENHOR lhe havia dito: “Duas

nações estão no teu seio, dois povos se desprenderão das tuas entranhas. Um será mais forte que o outro e o grande servirá ao pequeno” (Gn 25,23).

Ao nascer, o primeiro era ruivo, todo peludo e fora chamado de Esaú. Seu irmão saiu, em seguida, com a mão agarrada ao calcanhar (*eqev*) de Esaú e foi então chamado de *Yakov* – Jacó (Gn, 25,25-26). Além dessa interdependência, eram diferentes, um dado à caça como o Pai e outro sensato e habitante sob as tendas. Assim, resume o texto bíblico, Isaac preferia Esaú e Rebeca preferia Jacó (Gn 25,28). Desse programa incoativo, o capítulo 27 do Gênesis vai desenvolver como Esaú será suplantado por seu irmão Jacó, vendendo-lhe seu direito de primogenitura por um prato de lentilha, graças ao estratagema de sua mãe, Rebeca, que assegura seu querido e temeroso filho, Jacó, dizendo-lhe: “Que venha sobre mim a tua maldição, meu filho” (Gn 27,13).

Desse modo, a maldição parece recair sobre Esaú e Rebeca, ao passo que Jacó, abençoado, vai fugir para longe, atravessar pelo laboq, lutando até ser chamado Israel, aquele que lutou com Deus e com os homens (Gn 32,28) e reencontrar seu irmão, também chamado de Edom: “Esaú correu ao encontro dele (Jacó/Israel), apertou-o ao peito, atirou-se ao pescoço dele e o beijou; eles choraram” (Gn 33,4).

Do fraticídio inicial, a Escritura conduz seu ouvinte-leitor a percorrer o caminho dos irmãos Esaú e Jacó, dando-lhes expressão e nomeação a seus afetos, até o reencontro de reconhecimento no qual cada um, no choro, se reconhece como filho de Isaac e Rebeca e, portanto, irmãos, graças a essa filiação assumida, que vai lhes permitir uma fraternidade a ser re-construída. A literatura rabínica que valoriza muito a tradição oral e estabelece que não existe “nem antes e nem depois na Torá” (AVRIL e LENHARDT, 2018, p. 54), sem esquecer o permanente desafio da fraternidade, vai transformar o binômio Esaú/Jacó no binômio Edom/Israel, pleno de tensão e mesmo protótipo para uma im-possível fraternidade a ser construída ao longo da história, entre irmãos e entre povos. Horvilleur, com justeza, interpreta esse desafio de Edom/Israel, como duas vias antagônicas, seja como raiz do antijudaísmo bíblico e do antisemitismo moderno, seja como uma chance para uma humanidade mais fraterna (HORVILLEUR, 2023).

José e seus irmãos

O ciclo de José, um dos filhos de Jacó/Israel, percorre toda a terceira parte do livro do Gênesis e se abre com a seguinte nota que já coloca a questão da fraternidade e da preferência na filiação: “Israel preferia José a todos os seus irmãos, pois o tivera na velhice” (Gn 37,3). Mesmo sem poder desenvolver aqui a epopeia de José e seus irmãos, a história de José, no Egito, tanto no texto da Torá como na releitura da tradição judaica, visa reconstruir a fraternidade pelo perdão e o reconhecimento da filiação do outro para que todos se tornem os “doze irmãos”,

graças a integridade de José e de seu irmão, Benjamin, que contrariamente aos seus outros irmãos e ao Caim de Gn 4, não tem sangue inocente em suas mãos.

“Eu sou José, vosso irmão... que vós vendestes no Egito” (Gn 45,4). De irmão traído e vendido, José passa a ser o irmão que acolhe todos seus irmãos e seu pai Jacó, no Egito, para salvá-los. José honra seu pai Israel e no final da narrativa, responde aos seus irmãos: “Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus? Quisestes fazer-me mal, Deus quis transformá-lo em bem: conservar a vida a um povo numeroso, como hoje se vê” (Gn 50,20). Deste modo se termina a grande narrativa de José, se referindo a Deus e reconhecendo em cada um dos doze irmãos, filhos do mesmo pai, Israel, para se tornarem *bnei Israel*, filhos de Israel, com vocação e missão de construir e viver a fraternidade, como filhos do Deus da Aliança.

Esse olhar bíblico relevante e cheio de esperança se situa na mesma perspectiva e no horizonte visionário do Papa Francisco, que na carta encíclica *Fratelli tutti*, após ter colocado as bases da fraternidade e da amizade social, comprehende as religiões a serviço da humanidade e faz um forte apelo pela construção da paz/shalom no mundo hodierno (FRANCISCO, 2020, nº 281-285).

Considerações finais

A Torá, pelo seu agenciamento narrativo, teológico e teologal convida o ouvinte-leitor a fazer a passagem do fraticídio à construção da fraternidade pelo reconhecimento da filiação do outro. Trata-se, de textos narrativos, construídos ao longo do processo de redação da escritura, que propõem uma instrução, uma torá ou um caminho de humanização. Nessa chave de leitura, todos os humanos são filhos/as do mesmo Deus e Pai. Por extensão, judeus e cristãos, neste percurso formativo da cultura religiosa, especialmente na disciplina CRE1215, podem, graças a uma abordagem atenta da Escritura, perceber o lugar de cada um, como filhos da Aliança, na qual, *bnei Israel* e “filhos no Filho”, todos se tornam sujeitos corresponsáveis da construção da fraternidade para o bem da humanidade.

Nossa percepção da filiação, à luz da Escritura, pode se ampliar na medida que, como humanos, nos tornamos mais irmãos - *Fratelli tutti* - na expressão e vivência concretas da fraternidade. No fundo, não seria esse o caminho para uma humanidade que se descobre que quanto mais se busca e vive a fraternidade, mais se adentra na filiação e agrada assim ao Pai misericordioso? Há, também, aquelas pessoas que não pertencem a nenhuma tradição religiosa e encontram no processo de humanização e de formação universitária, valores fundamentais judaico-cristãos, presentes nas culturas e literaturas hodiernas, fortalecendo assim, seu próprio humanismo e sua formação integral.

Questões para reflexão

1. Como as narrativas bíblicas podem nos humanizar e nos ajudar a reler nossas histórias de vida?
2. Por que, na *Fratelli tutti*, fala-se tanto em fraternidade e humanidade, ao abordar o lugar e a contribuições das religiões?
3. O humanismo hodierno aprende com as grandes tradições religiosas ou lhes ensina a rever e aprofundar seus próprios valores éticos-religiosos?

Bibliografia

- BÍBLIA *TEB-Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2020.
- HADDAD, Philippe. *Fraternidade ou a Revolução do Perdão. Histórias de fraternidade do Gênesis aos ensinamentos de Jesus*. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2021.
- AVRIL, Anne e LENHARDT, Pierre. *Introdução à Leitura judaica da Escritura*. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2018.
- HORVILLEUR, Delphine. *Réflexions sur la question antisémite*. Paris: Grasset, 2019.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica. Teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- Midrash Bereshit Rabba, Critical Edition with notes and Commentary* (heb.), Editado por J. THEODOR et H. ALBECK, 3 vol. Jerusalém: Warhmann Books, 1965.
- Papa Francisco. *Fratelli tutti. Todos irmãos. Sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Loyola, 2020.
- WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano. Leitura de Gênesis 1,1-12,4*. São Paulo: Loyola, 2011.